O ESTADO DE S.PAULO

Publicado em 17/04/2024 - 10:36

'Parque Jardim de Alah democratizará o espaço público'

Miguel Pinto Guimarães
Fundador da MPG Arquitetos

'Parque Jardim de Alah democratizará o espaço público'

__Arquiteto carioca premiado fala da obra que promete mudar a rotina em Ipanema e no Leblon



CENÁRIOS

SONIA RACY

os seus 30 anos de trabalho, criando e tocanbalho, como Brasil e no exterior, muitos deles premiados –, o arquiteto e urbanista carioca Miguel Pinto Guimarães buscou sempre uma "casa brasileira" onde a prioridade fosse o "bem-viver". O que significa, na definição de sua empresa, a MPG Arquitetos, "proporções materiais alinhadas à arte e ao design". Foi desses princípios que nasceu, em 2018, a startup Opy Soluções, que ele divide com os sócios Sergio Conde Caldas e João Sousa Machado.

A Opy faz parte do consórcio que venceu licitação da prefeituracarioca para gerir o Parque Jardim de Alah por 35 anos. O resultado da parceria público-privadasaiu ano passado e terá, como missão, a revitalização do espaço, localizado na zona sul do Rio de Janeiro. O projeto, segundo Guimarães, representa "ademocratização do espaço público", muito mais do que, simplesmente, uma ligação entre bairros. A ideia, destaca o arquiteto, é "inserir classes menos favorecidas" naquele trecho entre Ipanema e Leblon – no qual morado-

res da sofisticada Vieira Souto e os da zona norte se cruzam até chegar à mesma praia, "onde o uniforme para todos é uma bermuda e um chinelo". A seguir, trechos da entrevista:

Ao comemorar os seus 30 anos de profissão, o que acha que mudou nesse período?

O Brasil começou a investir um pouco mais em espaço público, com obras de grande porte e escala – e deixando para trás um hiato nos anos 1980-90, quando o grande protagonista foi a arquitetura residencial. Essa foi a grande mudança, a volta dos grandes arquitetos a projetos urbanísticos. Empresários, governos e sociedade civil passaram a entender a importância de inserir comunidades menos favorecidas, de criar uma relação entre democracia e espaço. O espaço tem o poder de organizar a vida do cidadão e, assim, com uma consciência melhor, ele passa a cobrar melhores serviços, melhor atendimento.

É o caso do projeto do Parque Jardim de Alah, que estão começando a tocar no

Sim. Ele busca conectar os dois bairros maisvalorizados da cidade, Ipanema e Leblon. Liga os 700 metros entre a praia e a Lagoa Rodrigo de Freitas. "(O novo Jardim de Alah) vai ser um espaço democrático, onde gente da zona norte e os moradores dali chegarão à praia com o mesmo figurino, uma bermuda e um chinelo"

Fará a integração entre os dois bairros? Mais que isso. Pretendemos

murbanismo social, para a democratização do espaço público. Por exemplo, vai dar acesso
à população do conjunto habitacional Cruzada São Sebastião,
construído por d. Helder Câmara nos anos 50, no Leblon. Ali
vive hoje uma comunidade de
classe média baixa. E o projeto
vai oferecer creche, ginásios,
quadras poliesportivas, programas culturais, além de uma escola de primeiro grau. Vai ser
talvez o maior manifesto de espaço democrático do mundo,
onde as pessoas da zona norte e
as daquela área dividirão a praía
usando o mesmo figurino, uma
bermuda e um chinelo.

Nesses tempos, cabe a pergunta: é um projeto provadamente sustentável?

O projeto atende aos 17 ODSs (Objetivos de Desenvolvimento Sustentiáve) da ONU, como assinalou em uma das reuniões o economista Sérgio Besserman. Já atuamos em muitas consultorias internacionais e podemos assinalar: pouquíssimos projetos no mundo conseguem atender a todos os 17 pontos citados pela ONU. Que incluem itens como a vida marinha, presente no oceano, que oxigena a Lagoa Rodrigo de Freitas e vice-versa. Ea erradicação da fome, pois teremos até uma horta comunitária.

Vocês usaram a "Mip" para o projeto. O que é isso?

o projeto. O que e isso? E uma Manifestação de Interesse Privado. Quando alguém da
sociedade civil apresenta à prefeitura um projeto detalhado para a cidade. Se ela gosta, abre
uma concorrência – e outros interessados podem entrar na disputa. Escritórios do Río já usaram muito isso na concessão de
parques em São Paulo. Em
2020, apresentei a ideia (do lardim de Alah) ao empresário Alaxandre Accioly, montamos um
time com outros grandes nomes, como o DC Set, do Dody
Sirena. Ganhamos a licitação,
no valor de R\$ 110 milhões,
mais R\$ 20 milhões para manutenção do parque. Também haverá uma operação comercialmercados, ruas para pedestres com lojas, cafés e restaurantes. E incluimos no projeto um parque de esculturas, com curadoria de nomes como Vik Muniz e Beatriz Milhazes.

Como foi a receptividade dos moradores, do bairro e do entorno?

Conversamos nesse processo com todas as instituições, além de fazer as audiências públicas. Muitas das propostas ouvidas foram absorvidas no edital. Temos apoio das associações de moradores do Leblon, de Ipanema, da Cruzada São Sebastião, da Selva de Pedra e da Gávea. A dos moradores e defensores do Jardim de Alah, criada para combater a concessão, já vévi o com o advogado – e nenhum morador para nos ouvir. Mas estamos confiantes, no âmbito jurídico, pois o projeto é todo correto, com apoio até de setores da arquitetura e das universidades.

Quando vão começar as obras?

Já começaram neste início de abril, e a operação já está em nossas mãos, como a segurança, que é privada, e a iluminação. Já começamos o levantamento da rede subterrânea. Serviços prévios à obra já estão em processo de licenciamento.

Pelo visto, vai ser uma longa jornada, exige coragem. Somos empresários cariocas, apaixonados pelo Rio, temos certeza de que este parque é um presente para a cidade. Vai resolver um problema histórico, integrando uma comunidade para que use um espaço público que é dela também. Para quem mora na Cruzada São Sebastião, a distância da caminhada até o parque é a mesma da minoria reclamante. Então, é uma utopia, sim. E a gente não entraria num projeto como esse se não acreditássemos no sonho.



Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia & Negócios Caderno: B Pagina: 13